

## MEMÓRIA, MÚSICA E REFORMA: CULTURA TEOLÓGICA ADVENTISTA NA AMÉRICA<sup>518</sup>

*Memory, music and Reformation: Adventist theological culture in  
America*

Fábio Augusto Darius<sup>519</sup>

Rodrigo Follis<sup>520</sup>

Joêzer Mendonça<sup>521</sup>

**Resumo:** Ao se comparar pensamentos teológicos dos reformadores tais como Lutero, Zuínglio e Calvino com as ideias da pioneira do adventismo, Ellen G. White, podemos entender melhor como a religião se apropria do passado para a construção de parte de seu discurso identitário. Com esse objetivo em mente, o presente artigo aborda, através da teologia comparada, como o pensamento sobre o uso da música, assim como sua prática litúrgica, contribui para a fortificação de um ideário de continuidade da Reforma através da pregação e prática adventista. Construiu-se, assim, uma argumentação da história cristã que pode ser aplicada, tal como apregoa Westhelle (2015), a contextos contemporâneos que trazem consigo novos desafios sociais e religiosos.

**Palavras-chave:** Música. Lutero. Calvino. Zuínglio. Ellen White.

**Abstract:** By comparing theological thoughts of reformers such as Luther, Zwingli and Calvin with the ideas of Adventist pioneer Ellen G. White, we can better understand how religion appropriates the past to build part of its identity discourse. With this objective in mind, this article addresses, through comparative theology, how thinking about the use of music, as well as its

---

<sup>518</sup> Recebido em 14 de outubro de 2020. Aceito em 19 de novembro de 2021 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

<sup>519</sup> Doutor. Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). E-mail: fabio.darius@unasp.edu.br

<sup>520</sup> Doutor. Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). E-mail: rodrigo@follis.com.br

<sup>521</sup> Doutor. Universidade Federal do Maranhão e Escola de Música e Belas Artes do Paraná/UNESPAR. E-mail: joezer.mendonca@pucpr.br.

liturgical practice, contributes to the strengthening of an ideal of continuity of the Reformation through Adventist preaching and practice. Thus, an argument from Christian history was constructed that can be applied, as Westhelle (2015) proposes, to contemporary contexts that bring new social and religious challenges.

**Keywords:** Music. Luther. Calvin. Zwingli. Ellen White.

\*\*\*

## Introdução

No presente artigo abordaremos parte da maneira com a qual o adventismo do sétimo dia se utiliza da música em associação com a Reforma Protestante de maneira a construir um instrumento articulador para a consolidação de sua memória coletiva e teológica como um grupo social. Para tanto, a metodologia que aqui propomos está ancorada na comparação de eventos históricos e construções teológicas desse grupo dentro das discussões propostas por Halbwachs<sup>522</sup> sobre a memória coletiva a partir de sua analogia quanto à construção musical. Nosso objeto de estudo se encontra, primariamente, na análise de dois excertos do livro *O grande conflito*, da escritora adventista Ellen G. White<sup>523</sup>. Nesse material há referências diretas à música ligadas aos reformadores Lutero, Zúinglio e Calvino. Nessas citações tal autora menciona o valor dos cânticos da Reforma enquanto bálsamo espiritual tanto para o momento da Reforma em si como para inspirar os crentes atuais. Assim, através da articulação de uma narrativa passada (a Reforma), concretizada e materializada em músicas, vemos um importante “lastro memorial” que fornece certa construção de identidade para a teologia adventista tal como descrita nos escritos de uma de suas principais pioneiras.

O objetivo de se escolher essa autora se deve à importância que ela teve para a formação inicial do pensamento teológico adventista, a qual pode ser vista dentro do movimento hoje. Já a escolha do livro se deu por sua importância dentro dos escritos de tal escritora, sendo uma obra muito representativa do que aqui argumentaremos sobre a construção de parte do pensamento teológico adventista em seu início, processo que ajuda a entender seu espírito teológico.

---

<sup>522</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2009a.

<sup>523</sup> WHITE, Ellen G. *O grande conflito*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

Sobre a própria discussão aqui empreendida, vemos na declaração de Westhelle<sup>524</sup> a importância de se pensar Lutero para a América Latina, assim como para os dias atuais. Para esse autor, mesmo antes de se ver por aqui a teologia luterana, era comum se ouvir o nome de Lutero para se insultar aqueles que eram considerados hereges e se transformavam em protestantes. Assim, ao se comparar tal expediente com a pioneira de uma denominação protestante nascida dentro da América e que tem grande impacto em toda a América Latina tantos anos após Lutero, temos um vislumbre da importância desses pioneiros para os dias de hoje. Inclusive, Ellen G. White<sup>525</sup>, uma mulher negra vitoriana, chegou a afirmar que “a Reforma não terminou com Lutero, como muitos supõem. Ela haverá de prosseguir até a conclusão da história terrestre.” Tal afirmação, para essa autora, era um argumento sobre como a Reforma deveria ser ainda encarada dentro de um contexto americano tão necessitado de novas proposições religiosas.

Westhelle se referiu ao grande crescimento do luteranismo no Hemisfério Sul do planeta, o qual está em franca relação com outras religiões, cristãs ou não, naquilo que, em suas palavras, vai “transfigurando o luteranismo”. Essa perspectiva, ainda segundo ele, certamente altera não apenas o luteranismo em si, mas também as outras comunidades de fé com as quais ele tem contato. Conforme o autor, “essa mudança, tão radical e ainda longe de ter completado toda a sua revolução, influencia significativamente a teologia”<sup>526</sup>.

É evidente que Ellen G. White levava em alta conta o reformador alemão, e a influência deste para o adventismo no sul do Brasil é de extrema importância, precisamente em Santa Catarina, onde a primeira igreja adventista brasileira surgiu, no fim do século 19, em redutos de imigrantes alemães.

---

<sup>524</sup> WESTHELLE, Vítor. 500 anos da Reforma: luteranismo e cultura nas Américas. *Cadernos Teologia Pública*, v. 12, n. 97, p.3-25 2015.

<sup>525</sup> WHITE, Ellen G. *História da Redenção*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003. p. 353.

<sup>526</sup> WESTHELLE, Vítor. *Transfiguring Luther: The Planetary Promise of Luther's Theology*. Eugene: Wipf and Stock, 2016a. p. 184. A citação completa, no original: “This change, so radical and still far from having completed its entire revolution, significantly influences theology and is redrawing the face of Lutheranism (giving it a lift down, or a lift south, as it were). The changes to come are inevitable, as we shall see. This is not a triumphal paean: responsibility is increased, leadership needs to be provided and resources will have to be found from new sources. But meanwhile, who are those redefining the landscape of Lutheran theology? What is the claim to legitimacy that ‘new contexts’ have? Which is the Lutheran badge? And these are very good questions for more than one reason.”

Portanto, essa transfiguração do luteranismo certamente atingiu o adventismo no sentido de criar memórias a partir de um passado não vivido por ele, mas experienciado sob novas roupagens. Afinal, os adventistas se consideram herdeiros diretos da Reforma. Mais do que isso: eles creem que apresentam uma “nova reforma”, ao apreçoar, entre outras questões, o estilo de vida e a santificação como alvos cristãos<sup>527</sup>. A Reforma de Lutero, a partir das elogiosas citações de Ellen G. White, serviu de inspiração aos adventistas para que estes fizessem uma “nova reforma”, para além das primeiras, ocorridas no século 16.

Para White, Lutero “era já poderoso nas Escrituras, e sobre ele repousava a graça de Deus”<sup>528</sup>. Segundo Westhelle, referindo-se a Lutero e à Escritura, esta “é um valor em si e não mais o intérprete”<sup>529</sup>. Essa aproximação escriturística entre Lutero e White certamente faz do alemão, assim como dos reformadores que depois dele vieram, um constituinte de gloriosa memória aos adventistas. Westhelle, ao falar sobre as transfigurações do luteranismo ao redor do mundo, embora não inclua necessariamente perspectivas adventistas ou mesmo o âmbito musical, certamente pode aqui ser elencado como um autor que possibilita essa reflexão acerca de tal construção, mudanças e transfiguração<sup>530</sup>. E é justamente esse o objetivo do presente artigo, o qual, ao articular o conceito dessa transfiguração, consegue entender como uma teologia comparada se faz útil na compreensão dos preceitos e práticas religiosas atuais.

Para tanto, na próxima seção, abordaremos a noção da constituição da memória fundante dos movimentos religiosos e articularemos sua relação com a música e a adoração. Essa discussão nos possibilitará exemplificar a temática aqui iniciada sobre a transfiguração teológica e sua relação com a memória e a teologia adventista na América.

## **A memória coletiva como construtora da música**

Halbwachs<sup>531</sup>, principalmente na obra *A memória coletiva*, enfoca as colunas que nos ajudam a localizar os fundamentos da memória coletiva. Elas

---

<sup>527</sup> DARIUS, Fábio Augusto. *De corpo, alma e espírito*: apontamentos históricos e teológicos acerca do tema santificação na obra holística de Ellen White. 2014. 242 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2014.

<sup>528</sup> WHITE, Ellen G. *História da Redenção*. Tatui: Casa Publicadora Brasileira, 2003. p. 341.

<sup>529</sup> WESTHELLE, 2016a, p. 46.

<sup>530</sup> WESTHELLE, 2016a.

<sup>531</sup> HALBWACHS, 2009a.

são vistas de múltiplas maneiras e locais, tais como no “patrimônio arquitetônico e seu estilo”, mas também nas “paisagens, datas e personagens históricas de cuja importância somos incessantemente lembrados, [n]as tradições e costumes, certas regras de interação, [n]o folclore e [n]a música, e, por que não, [n]as tradições culinárias”<sup>532</sup>.

Essas estruturas da memória afetiva são construídas tanto pela coletividade como pelos sujeitos que se apropriam delas para formular sua participação nos grupos sociais, sempre dentro de uma relação dialógica com a história passada e sua interpretação presente. Temos aqui o vislumbre da importância de se pensar como a internalização de conteúdos, eventos e pessoas famosas podem gerar vivências práticas nos indivíduos contemporâneos. Ao aceitarmos a ideia de Halbwachs acerca da influência do meio no indivíduo, precisamos ficar atentos para não cair nos extremos, seja na supremacia do grupo ou na totalidade do indivíduo. E uma das maiores demonstrações de como podemos entender a tensão entre sujeito e coletivo é, como veremos no andamento deste artigo, a nossa relação com a música e com a teologia que dá identidade e vazão às crenças dos grupos e dos indivíduos.

A pragmática de Halbwachs conclama a análise sociológica a se focar na transmissão e não no ato histórico em si, dado que esse último não poderia ser completamente alcançado. E essa impossibilidade se deve ao simples fato de a história ser vista aqui como a construção e reconstrução de um ato já vivido, sempre a partir da perspectiva do grupo para o qual faz sentido reviver tal realidade<sup>533</sup>. Como exemplo, no livro *La topographie légendaire des évangiles en Terre Sainte*, Halbwachs defende que “a memória coletiva cristã adaptou as lembranças da vida de Jesus e dos lugares aos quais elas estavam vinculadas às exigências e aspirações contemporâneas do cristianismo”<sup>534</sup>. Podemos dizer que não importa

---

<sup>532</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3, 1989.

<sup>533</sup> Sobre isso, Jenkins afirma que “o passado é sempre percebido por meio das categorias sedimentares de interpretações anteriores e por meio dos hábitos e categorias de ‘leitura’ desenvolvidos pelos discursos interpretativos anteriores e/ou atuais”. JENKINS, Keith. *A história repensada*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 32. É verdade que o próprio Halbwachs, em suas primeiras obras, dividia a memória em relação ao fato histórico em si, mas essa discussão não será aqui abordada; partiremos do pensamento posterior do autor, o qual não se preocupa com tal separação. Sobre essa relação, ver SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória coletiva e teoria social*. São Paulo: Annablume, 2003.

<sup>534</sup> RIVERA, Paulo Barrera. *Tradição, transmissão e emoção religiosa: sociologia do protestantismo na América Latina*. São Paulo: Olho d’Água, 2010, p. 30. Ver

se essa realidade histórica é verdadeira, e isso vale tanto para a veracidade do evangelho em si como para a interpretação que dele é feita por determinado grupo religioso. Longe de desconsiderar a veracidade desses fatos, ela apenas não é o foco da discussão do autor e tampouco do presente artigo. Para ele, o fato de tais grupos existirem e pensarem como pensam já configura razão suficiente para se pesquisar tal fenômeno e suas transformações na memória<sup>535</sup>.

É possível dizer que o presente não vem agregado com o passado, sendo uma continuidade dele. Muito pelo contrário, o presente constantemente inventa e/ou re(cria) o passado. É aqui o discurso, ou seja, a língua, ganha predominância em qualquer análise, pois nela temos a primeira e principal forma de demonstração de como o grupo (re)articula a memória histórica do indivíduo. Não defendemos a ideia relativista de que o fato histórico não tenha valor ou mesmo que não tenha existido, apenas o colocamos em perspectiva dentro da

---

CORDEIRO, Veridiana Domingos. *Por uma sociologia da memória e interpretação da memória coletiva de Maurice Halbwachs*. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

<sup>535</sup> Para o autor, aqui está uma das grandes diferenças entre o estudo da história e o que ele propõe como estudo da memória. Em suas palavras: “A história pretende dar conta das transformações da sociedade, a memória coletiva insiste em assegurar a permanência do tempo e da homogeneidade da vida, como um intento de mostrar que o passado permanece [...]. Enquanto a história é informativa, a memória é comunicativa” (HALBWACHS, Maurice. Fragmentos de la memoria colectiva. *Revista de Cultura Psicológica*, Cidade do México, v. 1, n. 1, p. 2, 1991). Aqui não nos cabe discutir as críticas feitas ao conceito de história defendido pelo autor, principalmente na figura de Marc Bloch; sobre isso é possível ler o artigo de CASADEI, Eliza Bacheга. Maurice e Marc Bloch em torno do conceito de memória coletiva. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 9, n. 108, p. 153-161 maio 2010. Essa escolha metodológica de nossa parte se dá pelo simples fato de acreditarmos já ter sido superada essa discussão, principalmente com a ampla aceitação da Escola dos Annales e sua visão sobre a reconstrução do passado como fato histórico incontestável; sobre isso, ver LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013; BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992; BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Unesp, 1997; BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000; BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. Se formos nos posicionar segundo algumas das lógicas dispostas por Halbwachs na citação anterior, poderemos dizer que o presente estudo se relaciona mais com os estudos da memória do que com a análise histórica. Isso por nos preocuparmos mais com a formação comunicativa (identitária) do grupo do que com sua realidade informativa.

discussão acerca da transmissão da memória e das articulações que o determinado grupo faz no decorrer do tempo. Vários exemplos dessa realidade são trabalhados por Halbwachs<sup>536</sup> no livro já citado anteriormente sobre a topografia da Terra Santa. É nessa obra que o autor mais reafirma que as tradições religiosas e, por associação, as teológicas se configuram por necessidades do presente. A história e a teologia são repensadas a partir das necessidades dos grupos atuais, fiéis depositários da narrativa passada, possuidores de autonomia para criarem releituras que consigam corresponder aos atuais anseios estruturais. Dentro de uma lógica estrutural, é verdade, mas com liberdade de releitura para a construção de elos de afetividade que façam sentido na atualidade e ajudem a ligar o presente com o passado. Ao ligar a teologia com a prática do cotidiano do grupo, é conferido significado para se interpretar o hoje a partir de uma visão do passado.

Mesmo em assuntos que possam parecer, em um primeiro momento, extremamente subjetivos e individuais, o autor nos lembra que nossas identidades se fazem através da linguagem que nos é ensinada pelo grupo, dentro dos moldes e conceitos também providos por ele. Toda e qualquer linguagem sempre será imposta pela sociedade, não sendo possível existir sem o coletivo. E essa relação é fácil de ser percebida, bastando apenas pensar que é preciso uma coletividade para a existência, por exemplo, da língua. E aqui não nos referimos apenas a uma junção ou soma de memórias individuais, mas a algo maior do que essa soma. O grupo trabalha em conjunto com o individual, mas não deve ser confundido com ele, tendo vida própria. Dois exemplos, dentro dos muitos elencados pelo autor, servem para demonstrar o funcionamento dessa relação, indicando a maneira com que o coletivo (re)articula o passado devido ao presente.

O primeiro é a discussão sobre a importância de se lembrar uma língua estrangeira. Ao mencionar algumas pessoas que, por motivos de saúde, não mais se recordavam das línguas estrangeiras dominadas anteriormente e, por isso, acabaram excluídas de um grupo do qual até então faziam parte, Halbwachs<sup>537</sup> afirma que não é apenas o cérebro que está afetado, mas “a faculdade em geral de entrar em relação com os grupos de que se compõe a sociedade”, pois “esquecer uma língua estrangeira é não mais estar em condições de compreender aqueles que se dirigiam a nós nessa língua”. Em outras palavras, o conhecimento de uma língua, seja estrangeira como no exemplo, ou mesmo materna, tem o

---

<sup>536</sup> HALBWACHS, Maurice. *La topographie légendaire des évangiles em Terre Sainte: étude de mémoire collective*. Paris: PUF, 1971.

<sup>537</sup> HALBWACHS, 2009a, p. 37.

poder de abrir um campo mais vasto do que apenas o da comunicação. Quem domina tais instrumentos é considerado apto a estar e pertencer àquele grupo. No exemplo do autor, fica claro que o indivíduo é quem precisa se adaptar ao coletivo e não o contrário, embora o indivíduo tenha o poder dentro do uso cotidiano da sua linguagem.

O outro exemplo se foca na relação da linguagem musical (partituras, formas melódicas, tipos de instrumentos, etc.) com a maneira como o grupo de músicos se associa a partir desses códigos. E esse exemplo está mais perto do objeto da presente análise. A partitura escrita “traduz, em uma linguagem convencional, toda uma série de mandamentos aos quais o músico deve obedecer, caso queira reproduzir as notas e sua sequência com os matizes e seguindo o ritmo que convém”<sup>538</sup>. Em outras palavras, consolidou-se um código com o qual todos concordam e dentro do qual trabalham.

Mesmo praticando estilos musicais diversos, essa relação de individualidade na escolha de uma subcultura musical não impede, em primeiro lugar, a existência e influência do poder unificador do código/linguagem musical. E, em segundo lugar, indicia como podemos entender as relações entre a memória coletiva (do código musical) e a individual (do músico dentro de seu próprio estilo e criatividade). O autor nos lembra que nenhum ser humano seria capaz de conhecer sozinho qualquer desses códigos e melodias musicais. Se o Tarzan fosse real, ele não teria condições de tocar um funk ou MPB por si só pois não teria sido introduzido aos grupos e subgrupos correspondentes a essas criações. Assim, a música é maior do que sua composição, letra e melodia, sendo também um repositório de uma construção da memória coletiva. Estudar a música seria, nesse sentido, analisar como os grupos a utilizam como demarcadora de identidade social.

Pollak<sup>539</sup> faz uma ressalva ao pensamento de Halbwachs devido a ele se restringir à “tradição europeia do século 19”, na qual “a nação é a forma mais acabada de um grupo, e a memória nacional, a forma mais completa de uma memória coletiva”. Nesse contexto, se inferiria que a língua poderia ser uma das demonstrações mais visíveis e impactantes de dominação de uma nação sobre a outra (a vencedora impunha, como mostra a história, sua língua, costumes e hábitos à perdedora), o que não mais ocorreria atualmente, pelo menos não a partir (ou somente) de tais agentes. Entretanto, essa crítica não inviabiliza, em

---

<sup>538</sup> HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva entre os músicos. In: HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2009b. p. 194.

<sup>539</sup> POLLAK, 1989, p. 4.

nossa concepção, a teoria de Halbwachs, apenas mostra que qualquer teórico está preso à sua própria época quanto ao uso de seus exemplos e construção de memória. A língua ainda é um bom exemplo de dominação cultural, mas concordamos que atualmente a mídia e o fluxo de imagens, devido ao conceito de aldeia global, acabam por fazer muitas vezes o papel de dominação que caberia à língua no século 19. Mas não se muda a essência do argumento, apenas o suporte dele. É dentro desse cenário que consideramos a música como uma das mais importantes articuladoras e porta-vozes da memória coletiva atual. Incluindo, claramente, a religião e a teologia que a embasa. Isso é algo que nos preocupa no presente artigo e que abordaremos de maneira mais dialógica a seguir, sempre a partir da noção de transfiguração, tal como apresentada por Westhelle<sup>540</sup>.

### **Ellen G. White, a música e a Reforma: o passado como fundamento para o presente**

A partir desta breve contextualização do pensamento da construção da memória através da coletividade e da importância da música dentro desse contexto, partimos agora para um estudo de caso dessas articulações, e nosso objeto pretendido se relaciona a uma denominação estadunidense nascida na Nova Inglaterra, no século 19, a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD). Essa igreja, enquanto movimento, nasceu em 1844 e, enquanto denominação, surgiu oficialmente em 1860. De acordo com Ellen G. White, considerada mensageira e cofundadora, o movimento foi incumbido de uma missão clara e peculiar.

Em sentido especial foram os adventistas do sétimo dia postos no mundo como atalaias e portadores de luz. A eles foi confiada a última mensagem de advertência a um mundo a perecer. Sobre eles incide maravilhosa luz da Palavra de Deus. Confiou-se-lhes uma obra da mais solene importância: a proclamação da primeira, segunda e terceira mensagens angélicas. Nenhuma obra há de tão grande importância. Não devem eles permitir que nenhuma outra coisa lhes absorva a atenção.<sup>541</sup>

As três mensagens citadas por Ellen G. White, constitutivas da finalidade missionária do movimento, encontram-se em Apocalipse 14. É essa interpretação, segundo os próprios adventistas em seus documentos oficiais, que

---

<sup>540</sup> WESTHELLE, 2016a.

<sup>541</sup> WHITE, Ellen G. Carta 136 de 1910. *EGW writings*. Disponível em: <https://m.egwwritings.org/en/book/14075.10891001>.

os tornaria *sui generis*, principalmente em virtude de toda uma certa forma de viver e compreender o mundo a partir dessa missão. Essa concepção está historicamente inserida na construção da memória do movimento, que se vê alocado dentro de uma “dívida para com as ricas verdades bíblicas que recebemos da igreja cristã ao longo da história”, incluindo “Wycliffe, Huss, Lutero, Tyndale, Calvino, Knox e Wesley”<sup>542</sup>. Portanto, ao considerarmos esse movimento como portador de uma missão especial, essa relação fornecerá sentido para sua memória coletiva. Apesar de Ellen G. White fazer críticas a diversas ações de muitas igrejas herdeiras de Lutero, ela escreve que o adventismo dá continuidade à Reforma, em um processo de interpretação de tal movimento histórico. Segundo a autora,

A Reforma não terminou com Lutero, como muitos supõem. Ela haverá de prosseguir até a conclusão da história terrestre. Lutero tinha uma grande obra a fazer, em refletir a outros a luz que Deus permitiu brilhasse sobre ele; todavia, não recebeu toda a luz que devia ser dada ao mundo. Desde aquele tempo, nova luz tem continuamente resplandecido sobre as Escrituras, e novas verdades têm sido constantemente reveladas.<sup>543</sup>

Por conta dessa percepção interna de descolamento de outras denominações, há, inclusive, uma certa dificuldade de identificação da IASD com o protestantismo. A questão de fato existe e tem sido alvo de estudos internos, bem como de críticas. Fernando Canale<sup>544</sup> escreveu sobre o tema ao longo de alguns artigos, enquanto Aécio Caírus<sup>545</sup> publicou um artigo importante debatendo a relação entre adventismo e protestantismo. Como resposta a essa questão, programas de televisão são produzidos e veiculados na TV Novo Tempo, emissora dos adventistas do sétimo dia. Como resposta, outras denominações consideradas protestantes eventualmente publicam livros e *sites* afirmando que a Igreja Adventista, por seu próprio caráter, deve ser considerada uma seita. Embora não seja esse o tema destas páginas, essa reflexão se mostra bastante importante pelo uso que Ellen G. White faz da música em seus escritos e, principalmente, pela forma em que ela trata certos reformadores em sua obra

---

<sup>542</sup> NISTO Cremos: as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012. p. 5.

<sup>543</sup> WHITE, 2003, p. 353.

<sup>544</sup> CANALE, Fernando L. The Eclipse of Scripture and the Protestantization of the Adventist Mind – Part 2: From the Evangelical Gospel to Culture. *Journal of the Adventist Theological Society*, v. 22, n. 1, p. 102-133, 2011.

<sup>545</sup> CAÍRUS, Aécio. Adventismo y protestantismo. *DavarLogos*, v. 9, n. 1, p. 71-80, 2010.

clássica *O grande conflito*, sua obra escatológica por excelência<sup>546</sup>. A partir disso, ao se relatar como a influência do luteranismo, além da de outros reformadores, se faz presente no adventismo, há de se questionar como ele foi transfigurado, além de se pensar como seu impacto foi articulado dentro de tal teologia, percebendo, inclusive, como o contexto americano foi influente para essa realização.

A perspectiva teológica “das últimas coisas”, que é razão de ser da Igreja Adventista do Sétimo Dia, também foi abordada pelos reformadores, embora de forma incidental. Isso se deve, principalmente, à diferença do contexto social existente entre a América do século 19 e a Europa do século 15. São interessantes as palavras de Vitor Westhelle acerca do tema escatológico em Lutero. De acordo com Westhelle, “na perspectiva mundana, Lutero era suscetível às especulações sobre o fim dos tempos como percebido em seus dias, produzindo até (como uma diversão, ele afirmou) um calendário histórico mundial prevendo a chegada do sábado cósmico”<sup>547</sup>. No entanto, a maior aproximação que se pode perceber em Lutero, através das palavras de Westhelle, é que “a dimensão terrena da escatologia é uma com a espiritual, pois a pessoa do *logos* encarnado não pode ser dividida”. Lutero compôs ao menos um hino sacro versando sobre o livro de Apocalipse, a partir do capítulo 12, o *Sie ist mir lieb, die werte Magd*<sup>548</sup>.

É importante deixar claro que, para Ellen G. White, a música sacra, de cunho espiritual, deveria seguir certos princípios que possibilitassem condições de levar o adorador para próximo da transcendência. Deveria a música ser, nesse sentido, um instrumento de elevação do crente, um muro contra as tribulações da vida e uma forma de oração. Segundo suas palavras,

[A oração] é um dos meios mais eficazes para impressionar o coração com as verdades espirituais. Quantas vezes, ao coração oprimido duramente e pronto a desesperar, vêm à memória algumas das palavras de Deus – as de um estribilho, há muito esquecido, de um hino da infância – e as tentações perdem o seu poder, a vida assume nova significação e novo propósito, e o ânimo e a alegria se comunicam a outras pessoas! [...] Como parte do culto, o canto é um ato de

<sup>546</sup> WHITE, 2015.

<sup>547</sup> WESTHELLE, Vitor. Martin Luther’s Perspectival Eschatology. *Oxford Research Encyclopedia of Religion*. Nova York: Oxford University Press, 2016b. p.1. Disponível em <https://oxfordre.com/religion/view/10.1093/acrefore/9780199340378.001.0001/acrefore-9780199340378-e-330>. Acesso em: 01 dez. 2020.

<sup>548</sup> LUCKE, Wilhelm. Sie ist mir lieb, die werte Magd. In: *D. Martin Luthers Werke*. Kritische Gesamtausgabe. Weimar: Böhlau, 1923. v. 35, p. 254-55.

adoração tanto como a oração. Efetivamente, muitos hinos são orações. [...] Ao guiar-nos nosso Redentor ao limiar do Infinito, resplandecente com a glória de Deus, podemos aprender o assunto dos louvores e ações de graças do coro celestial em redor do trono; e despertando-se o eco do cântico dos anjos em nossos lares terrestres, os corações serão levados para mais perto dos cantores celestiais. A comunhão do Céu começa na Terra. Aqui aprendemos a nota tônica de seu louvor.<sup>549</sup>

Como nos lembra Schilling,<sup>550</sup> existe uma breve nota de Lutero na qual comenta qual era a importância da música para ele. Essa citação se assemelha muito em pensamento e estilo àquilo que Ellen G. White afirmou e que reproduzimos logo acima.

Eu amo a música. Os entusiastas não me agradam, pois condenam a música. Porque ela é presente de Deus e não de seres humanos; ela produz corações alegres; espanta o diabo; concede alegria inocente que faz desaparecer ira, concupiscências e orgulho. O primeiro lugar depois da teologia eu concedo à música. [...] [A música] governa em tempos de paz.

É pela grande narrativa dos reformadores conhecidos e anônimos do passado que a IASD produzirá uma memória coletiva anterior à sua própria fundação denominacional, afirmando que ela possui uma missão distintiva no tempo do fim e, ao mesmo tempo, colocando-se enquanto herdeira do protestantismo e continuadora dos esforços desses reformadores. Essa memória e aproximação da Reforma são reforçadas no âmbito musical adventista, haja vista que no atual *Hinário Adventista do Sétimo Dia*, de 1996, constam alguns hinos de saltérios germânicos dos séculos 16 e 17, incluindo o hino mais conhecido de Martinho Lutero, *Castelo Forte*<sup>551</sup>.

Percebe-se aqui uma escolha que transcende doutrinas ou pressuposições, mas tão somente alude ao caráter evangélico das letras e músicas compostas sob inspiração considerada divina. Assim, o adventista do sétimo dia canta acerca de Deus e da salvação sem perceber ou olhar as distintivas

---

<sup>549</sup> WHITE, Ellen G. *Educação*. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1977. p. 168.

<sup>550</sup> SCHILLING, Johannes. Musik. In: BEUTEL, A. (Ed.). *Luther Handbuch*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005. Bd. IV.2, p. 240.

<sup>551</sup> Hino registrado sob o número 33 no hinário brasileiro e 506 no *SDA Hymnal*, o atual hinário adventista norte-americano.

caracterizações<sup>552</sup> que distinguem certos grupos religiosos ou mesmo períodos históricos, os quais acabam por ser mesclados a fim de se justificar a continuidade da identidade do movimento enquanto membro da Reforma. Para reforçar esse importante papel de transfiguração do luteranismo para o adventismo americano, passaremos agora a analisar duas passagens do livro *O grande conflito*, escrito por Ellen G. White em 1888 (a segunda edição é de 1911)<sup>553</sup>.

O livro em questão aborda basicamente a história da igreja cristã, desde a era pós-apostólica até a *Parousia*, e a inspiração para sua escrita se deu, como creem os adventistas do sétimo dia, inicialmente, a partir de uma visão. Assim, White clarifica certas partes difíceis da história, como, por exemplo, as perseguições da igreja e o próprio movimento da Reforma à luz não apenas de seu contexto histórico, mas também por dados concretos obtidos através do estudo da história. Isso significa que Lutero, Calvino e Zuínglio, por exemplo, mesmo a partir de certas distinções teológicas claras, podem ser considerados os principais protagonistas da Reforma pela luz que ali receberam. Esse trilhar histórico-teológico propicia lastro histórico aos adventistas do sétimo dia e, por suposto, em sua visão, não os sectariza. Dito isto, o primeiro dos dois textos afirma o seguinte:

Semelhantemente a João Lutero, o pai de Zuínglio desejava educar o filho, e o rapaz cedo foi enviado fora de seu vale natal. Desenvolveu-se-lhe rapidamente o espírito, e logo surgiu a questão de saber onde encontrar professores competentes para instruí-lo. Na idade de treze anos foi a Berna, que então possuía a mais conceituada escola na Suíça. Ali, entretanto, se manifestou um perigo que ameaçou frustrar seu promissor futuro. Decididos esforços foram feitos pelos frades a fim de atraí-lo a um convento. Os monges dominicanos e franciscanos porfiavam pela obtenção do favor popular. Procuravam conseguí-lo mediante vistosos adornos das igrejas, pela pompa das cerimônias, e pelas atrações das famosas relíquias e imagens miraculosas. Os dominicanos de Berna viram que se pudessem ganhar aquele talentoso jovem estudante, conseguiriam tanto proveito como honras. Sua idade juvenil, sua natural habilidade como orador e escritor, e seu gênio para a *música* e poesia *seriam mais eficientes do que toda*

<sup>552</sup> Em certos casos, há mesmo inconstâncias doutrinárias, como no hino “Ao coro dos arcanjos”, nº 19 do *Hinário Adventista do Sétimo Dia*. Para a denominação, há apenas um arcanjo, Miguel.

<sup>553</sup> Faz-se um necessário um adendo: a edição de 1911 sofreu algumas pequenas modificações frasais por conta da percepção da autora de não ofender certos leitores, especialmente católicos. Assim, certas palavras, como *papistas* e *romanistas*, por exemplo, acabaram sendo substituídas, em mais um esforço de aceitação, ao menos da obra.

*a pompa e ostentação para atrair o povo aos cultos e aumentar os proventos de sua ordem.* Pelo engano e lisonja esforçaram-se por induzir Zuínglio a entrar para seu convento. Lutero, quando estudante em uma escola, havia-se sepultado na cela de um convento, e ter-se-ia perdido para o mundo se a Providência o não houvesse libertado. Não foi permitido a Zuínglio encontrar o mesmo perigo. Providencialmente seu pai recebeu notícia do intuito dos frades. Não tinha intenções de permitir que o filho seguisse a vida ociosa e inútil dos monges. Viu que sua utilidade futura estava em perigo, e ordenou-lhe voltar sem demora para casa.<sup>554</sup>

É sabido que o reformador suíço era versado em música e tocava vários instrumentos musicais. Ellen G. White o cita grandemente em várias partes do seu livro, mas fica bem claro para ela que seria a música a mais forte e distintiva característica de sua personalidade.<sup>555</sup> Ellen G. White não pareceu interessada em abordar certas porções de sua teologia, mas o considerou um grande herói da fé por seu inabalável senso de missão e também por seus dotes musicais, devidamente refinados. São essas características que o ligam ao movimento da Reforma e são estes elementos da Reforma que os adventistas do sétimo dia, majoritariamente, utilizam para fomentar seu sentimento de pertença em relação ao movimento, muito anterior à sua formação denominacional.

Por outro lado, não é possível corroborar, na prática, uma ligação direta entre o pensamento musical de Zuínglio e o pensamento musical adventista. Zuínglio, de fato, propôs um culto de solene austeridade e adotou um processo litúrgico cuja função exclusivamente didática acabou por levar à abolição do canto no primeiro rito germânico de 1525. Embora a Igreja Adventista incentive a solenidade e a reverência em seus cultos<sup>556</sup> e tenha estabelecido uma liturgia sem aparatos excessivamente místicos ou ritualísticos<sup>557</sup>, não há registros de que ela tenha tomado a decisão de abster-se da música nos cultos.

---

<sup>554</sup> WHITE, 2015, p. 172, grifo nosso.

<sup>555</sup> WHITE, Ellen G. *Música: sua influência na vida do cristão*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

<sup>556</sup> MANUAL da Igreja Adventista do Sétimo Dia. 22. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016. p. 119-120.

<sup>557</sup> GRAYBILL, Ronald. Adventist Worship. In: WEBBER, Robert (Ed.). *Twenty Centuries of Christian Worship*. Nashville, TN: Star Song Publishing Group, 1994. p. 98-100. (The Complete Library of Christian Worship, v. 2).

Ellen White<sup>558</sup> demonstra preocupação com o potencial da música para criar obstáculos ao caráter de sacralidade do culto: “Qualquer excentricidade ou traço de caráter esquisito chama a atenção das pessoas e destrói a séria e solene impressão que deve ser o resultado da música sacra. Qualquer coisa estranha e excêntrica no canto diminui a seriedade e o caráter sagrado do culto.” Esse pensamento reflete a preocupação das igrejas reformadas, que buscavam uma música permeada pelas propostas de austeridade cultural calvinista e zuingliana: “Quanto à melodia, tem nos parecido melhor moderá-la na maneira que temos feito, de forma a emprestar a gravidade e majestade que convém a este assunto, e como pode mesmo ser apropriado para cantar na igreja, de acordo com o que tem sido dito”<sup>559</sup> (Calvino, Prefácio ao Saltério).

Ressalte-se que o culto desprovido de excentricidades nem sempre foi uma característica dos adventistas, visto que seus cultos e cânticos das décadas de 1840 e 1850 revelavam explosões de fervoroso entusiasmo<sup>560</sup>. Foi somente a partir de 1860 e da progressiva institucionalização da igreja que o comportamento litúrgico adventista refreou os brados de louvor nos cultos e passou a experimentar uma fase de abrandamento de expressões físicas e vocais durante os cultos e cânticos<sup>561</sup>. Esse novo comportamento também era respaldado por Ellen G. White<sup>562</sup>, como se percebe em sua crítica quanto ao barulho e à confusão observadas em um encontro adventista na cidade de Muncie, Indiana:

Deus chama seu povo a andar com sobriedade e santa coerência. Eles devem ser muito cuidadosos de não representar mal e nem desonrar as santas doutrinas da verdade mediante estranhas exibições, por confusão e tumulto. Por essas coisas

---

<sup>558</sup> WHITE, Ellen G. *Mensagens escolhidas*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007b. v. 3, p. 333.

<sup>559</sup> CALVINO, J. Prefácio de Calvino para o Saltério de Genebra, 1543, p. 3. Disponível em: [http://www.monergismo.com/textos/jcalvino/prefacio\\_salterio\\_genebra\\_calvino.htm](http://www.monergismo.com/textos/jcalvino/prefacio_salterio_genebra_calvino.htm). Acesso em: 12 ago. 2021.

<sup>560</sup> GRAYBILL, Ronald. Enthusiasm in Early Adventist Worship. *Ministry*, p. 10-12, out. 1991.

<sup>561</sup> MENDONÇA, Joêzer de Souza. 2014. *A mensagem na música: estudos da teomusicologia sobre os cânticos adventistas do sétimo dia*. 2014. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2014. p. 112-114.

<sup>562</sup> WHITE, Ellen G. *Mensagens escolhidas*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007a. v. 2, p. 36.

os incrédulos são levados a pensar que os adventistas do sétimo dia são um bando de fanáticos. Cria-se assim preconceito que impede almas de receber a mensagem para este tempo. Quando os crentes falam a verdade tal como é em Jesus, revelam uma calma santa e judiciosa, não uma tempestade de confusão.<sup>563</sup>

Diferentemente das ações de Zuínglio, que redundaram no abandono da música no culto na Suíça reformada do século 16, não houve tão severa restrição ao canto na Igreja Adventista. Por outro lado, o incentivo à austeridade do culto, o desmonte do aparato litúrgico e ritualístico e também a predileção por um repertório musical reverente demonstram que os adventistas do sétimo dia se inscrevem na linha do culto reformado calvinista, tornando clara a transfiguração teológica para uma época e local específico. Não por acaso, mais de 40 hinos e arranjos de Lowell Mason (1792-1872), principal compositor e líder musical do presbiterianismo norte-americano, denominação religiosa herdeira da teologia calvinista, constam no hinário adventista *Seventh-day Adventist Hymn and Tune Book* (1886). O segundo trecho selecionado diz respeito a Lutero. Diz assim o texto:

O eleitor, juntamente com seu séquito, partiu para Augsburg. Todos estavam cientes dos perigos que o ameaçavam, e muitos seguiram com semblante triste e coração perturbado. Mas Lutero, que os acompanhou até Coburgo, reviveu-lhes a fé bruxuleante cantando o hino, escrito naquela viagem: “*Castelo forte é nosso Deus.*” Ao som dos acordes inspirados, foram banidos muitos aflitivos sinais e aliviados muitos corações sobrecarregados.<sup>564</sup>

Podemos relativizar as descrições relacionadas ao momento da composição do coral *Castelo Forte* (*Ein feste Burg*, no original alemão)<sup>565</sup>. Porém, é mais fácil confirmar que, apesar das palavras elogiosas de Ellen G. White a essa música, a primeira menção a Lutero registrada em um hinário adventista encontra-se no *Seventh-day Adventist Hymn and Tune Book*, e trata-se do coral luterano *Gelobet seist du, Jesu*, cujo texto é de autoria de Lutero<sup>566</sup>. A versão em

---

<sup>563</sup> Texto originalmente registrado em *General Conference Bulletin*, 1901, p. 491.

<sup>564</sup> WHITE, 2015, p. 206.

<sup>565</sup> Não há confirmação precisa quanto à data de composição de *Castelo Forte*. O mais provável é que tenha sido composto entre 1527 e 1528.

<sup>566</sup> A versão em inglês intitula-se *All Praise to Thee* e registra-se sob o número 284.

inglês de *Castelo Forte* (*A Mighty Fortress*, do original alemão *Ein feste Burg*) aparece em um hinário adventista somente em 1900, no hinário *Christ in Song* (nº 681)<sup>567</sup>.

Não se abordam, no livro de White, as questões que decididamente distinguem Lutero da teologia defendida pelos adventistas do sétimo dia. Aqui a questão diz respeito ao “poder puro” de sua composição e ao que ele significa para os cristãos que encontram em Deus o seu castelo forte. Novamente mostra-se como a música auxilia na construção identitária do movimento adventista, lembrando a história da Reforma e mostrando que a igreja cofundada por Ellen G. White se entende como herdeira desse movimento. Uma transfiguração adventista do luteranismo ocorre dentro da criação dessa denominação americana. A música é utilizada como exemplo claro, voltando a *Halbwachs*, como uma fundamentação histórica que serve de “justificativa” para a formação identitária desse grupo. Mais do que músicas, temos substratos da formação da memória articulados e rearticulados para justificar vários dos imaginários identitários do movimento religioso. E não seria isso, ao menos em parte, o que Westhelle propunha ao pensar nas rearticulações teológicas luteranas<sup>568</sup>?

### Considerações finais

Muito se poderia dizer e analisar a esse respeito, mas cremos que esses dois excertos do livro *O grande conflito* já nos dão bases suficientes para demarcar a importância de se pensar a liturgia, a música e as demais demonstrações do processo de adoração como sendo algo maior do que apenas a justificativa de uma vivência presente. Temos nessas construções a rememoração de um passado que, para além da própria preocupação com a narrativa histórica, traz justificativa aos atos sociais que formam a identidade do grupo<sup>569</sup>. Também não se pode deixar de perceber, como bem apontado por Westhelle, ainda que no contexto luterano, a transfiguração do protestantismo das primeiras gerações para o adventismo, criando nessa denominação um rastro indelével de memória fundante. O “Planeta Lutero”<sup>570</sup>, para usar outro termo desse teólogo contemporâneo, ainda hoje atrai satélites que orbitam ao redor dele. A obra de

<sup>567</sup> O hinário *Christ in Song*, editado por Frank Belden, sobrinho de Ellen G. White, não era considerado um hinário oficial da igreja.

<sup>568</sup> WESTHELLE, 2016a.

<sup>569</sup> WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: as perspectivas dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.

<sup>570</sup> WESTHELLE, 2016a, p. 166.

Lutero, para citar apenas o reformador alemão, encontra na América do Norte e América Latina, para além da Teologia da Libertação<sup>571</sup>, outros pontos de contato. Não são apenas música e louvores; temos aqui a escolha de um estilo de vida e uma formação sólida da posição que um importante grupo religioso, ao cantar suas escolhas, faz sobre quem ele é. Assim, pesquisar a construção e a transmissão da memória coletiva dos diversos grupos religiosos, a partir de sua fenomenologia, é algo primordial para entender seu papel no mundo social segundo seus próprios termos e construções. Em outras palavras, a música carrega em si quem o grupo pensa que é ou como ele quer ser visto. E a teologia, ao se preocupar com isso, tem muito a ganhar e a contribuir para a pesquisa e para a sociedade.

## Referências

- BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Unesp, 1997.
- BURKE, Peter. *Varietades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- CAÏRUS, Aecio. Adventismo y protestantismo. *DavarLogos*, v. 9, n. 1, p. 71-80, 2010.
- CALVINO, J. Prefácio de Calvino para o Saltério de Genebra, 1543, p. 3. Disponível em: [http://www.monergismo.com/textos/jcalvino/prefacio\\_salterio\\_genebra\\_calvino.htm](http://www.monergismo.com/textos/jcalvino/prefacio_salterio_genebra_calvino.htm). Acesso em: 12 ago. 2021.

---

<sup>571</sup> Segundo WESTHELLE, 2016a, p. 227, “The Reformation assumed different contours in the places where it took root. Faces and voices vary, be it of the continent they came from or the issues they brought to the fore. Some of them enjoy international reputation and have even triggered revolutionary movements, while others were ill-fated and fatal, as was the case with the peasants’ revolt at the time of Luther himself. One such specific case is that of Latin America, in which since the late 1960s this movement is most commonly referred to as ‘liberation theology’ and sometimes simply as ‘Latin American theology.’”

CANALE, Fernando L. The Eclipse of Scripture and the Protestantization of the Adventist Mind – Part 2: From the Evangelical Gospel to Culture. *Journal of the Adventist Theological Society*, v. 22, n. 1, p. 102-133, 2011.

CASADEI, Eliza Bachega. Maurice e Marc Bloch em torno do conceito de memória coletiva. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 9, n. 108, p. 153-161, maio 2010.

CORDEIRO, Veridiana Domingos. *Por uma sociologia da memória e interpretação da memória coletiva de Maurice Halbwachs*. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

DARIUS, Fábio Augusto. *De corpo, alma e espírito: apontamentos históricos e teológicos acerca do tema santificação na obra holística de Ellen White*. 2014. 242 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2014.

GRAYBILL, Ronald. Adventist Worship. In: WEBBER, Robert (Ed.). *Twenty Centuries of Christian Worship*. Nashville, TN: Star Song Publishing Group, 1994. p. 98-100. (The Complete Library of Christian Worship, v. 2).

GRAYBILL, Ronald. Enthusiasm in Early Adventist Worship. *Ministry*, p. 10-12, out. 1991.

HALBWACHS, Maurice. Fragmentos da la memoria colectiva. *Revista de Cultura Psicológica*, Cidade do México, v. 1, n. 1, p. 1-11, 1991.

HALBWACHS, Maurice. *La topographie légendaire des évangiles en Terre sainte: étude de mémoire collective*. Paris: PUF, 1971.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2009a.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva entre os músicos. In: HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2009b. p. 191-222.

JENKINS, Keith. *A história repensada*. São Paulo: Contexto, 2007.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LUCKE, Wilhelm. Sie ist mir lieb, die werte Magd. In: *D. Martin Luthers Werke: Kritische Gesamtausgabe*. Weimar: Böhlau, 1923. v. 35, p. 254-257.

MANUAL da Igreja Adventista do Sétimo Dia. 22. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

MENDONÇA, Joêzer de Souza. *A mensagem na música: estudos da teomusicologia sobre os cânticos adventistas do sétimo dia*. 2014. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2014.

NISTO Cremos: as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RIVERA, Paulo Barrera. *Tradição, transmissão e emoção religiosa: sociologia do protestantismo na América Latina*. São Paulo: Olho d'Água, 2010.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória coletiva e teoria social*. São Paulo: Annablume, 2003.

SCHILLING, Johannes. Musik. In: BEUTEL, A. (Ed.). *Luther Handbuch*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2005. Bd. IV,2, p. 238.

WESTHELLE, Vítor. 500 anos da Reforma: luteranismo e cultura nas Américas. *Cadernos Teologia Pública*, v. 12, n. 97, p. 1-25, 2015.

WESTHELLE, Vítor. *Transfiguring Luther: The Planetary Promise of Luther's Theology*. Eugene: Wipf and Stock, 2016a.

WESTHELLE, Vítor. Martin Luther's Perspectival Eschatology. *Oxford Research Encyclopedia of Religion*. Nova York: Oxford University Press, 2016b. p. 1.

WHITE, Ellen G. Carta 136 de 1910. *EGW writings*. Disponível em: <https://m.egwwritings.org/en/book/14075.10891001>.

WHITE, Ellen G. *Educação*. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1977.

WHITE, Ellen G. *História da Redenção*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

WHITE, Ellen G. *Música: sua influência na vida do cristão*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

WHITE, Ellen G. *Mensagens escolhidas: v. 2*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007a.

WHITE, Ellen G. *Mensagens escolhidas: v. 3*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007b.

WHITE, Ellen G. *O grande conflito*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.



WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença*. as perspectivas dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.